

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

Roberta Behr de Moraes

ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA BEBÊS:

Análise da Estrutura dos Programas e das Escolas/Academias de Natação

Porto Alegre, Dezembro de 2011

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

Roberta Behr de Moraes

ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA BEBÊS:

Análise da Estrutura dos Programas e das Escolas/Academias de Natação

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profª Martha M. R. Roessler

Co-orientadora: Keila Ruttig Guidony Pereira

Porto Alegre, Dezembro de 2011

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar os aspectos estruturais das piscinas e das escolas/academias da cidade de Porto Alegre que possuem programas de atividades aquáticas para bebês. Estipulou-se a faixa etária de interesse para o trabalho, bebês de 0 a 2 anos. Quatorze instituições participaram deste estudo e para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semi-estruturado para levantar dados quantitativos a respeito da instituição e da estrutura da aula, abordando questões como temperatura da água, dimensões da piscina e materiais utilizados na aula. A análise dos dados foi realizada através do programa SPSS (versão 17.0). Para a descrição dos resultados foi utilizada a estatística descritiva com distribuição de frequência e medidas de tendência central e variabilidade. Tratando-se de bebês, um público que necessita de cuidados especiais, a estrutura é fundamental para a realização de um trabalho de qualidade. Contudo, concluiu-se que as escolas/academias não seguem um padrão em relação á estrutura para o trabalho com bebês e na literatura existe divergência de opiniões entre os autores. Porém, dentro da realidade de cada escola/academia vêm sendo realizados alguns trabalhos com uma estrutura, de uma forma geral, adequada. Por isso, percebe-se a necessidade de novos estudos que auxiliem na padronização de uma estrutura mínima adequada.

Palavras-chaves: natação, bebês, estrutura

SUMÁRIO:

1.	INTRODUÇÃO	06
2.	REVISÃO DE LITERATURA	07
	2.1 - Atividades aquáticas para bebês	07
	2.2 - Programas de atividades aquáticas para bebês: a importância de questões estruturais das escolas e academias	09
	2.2.1 - Nomenclatura	09
	2.2.2 - Idade mínima para a iniciação	10
	2.2.3 - Organização das aulas das atividades aquáticas para bebês	12
	2.2.4 - Questões estruturais da piscina e das escolas e academias	13
	2.2.5 - Questões complementares à prática das atividades aquáticas para bebês	16
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
	3.1 – Problemas de Pesquisa	18
	3.2 – Questões de pesquisas	18
	3.3 – Participantes do estudo	18
	3.4 – Instrumentos de coleta de dados	19
	3.5 – Análise dos dados	19
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
	4.1 Qual a nomenclatura utilizada pela escola/academia para o programa de bebês?	20
	4.2 Qual a idade mínima para o ingresso no programa de atividades aquáticas para bebês?.....	21
	4.3 Qual a idade máxima considerada como bebês no programa de atividades aquáticas?.....	22
	4.4 Existe alguma subdivisão por faixa-etária ou nível? Qual?.....	23
	4.5 As aulas acontecem quantas vezes por semana?.....	24
	4.6 Qual é a duração das aulas para bebês?.....	24
	4.7 Qual o número máximo de alunos por turma?.....	25

4.8	A escola/academia possui piscina exclusiva para o trabalho com bebês?.....	26
4.9	O trabalho com os bebês é realizado em uma piscina coberta ou descoberta?.....	27
4.10	Existe algum espaço na piscina em que o bebê consiga permanecer em pé de forma independente? A piscina possui barra de sustentação?.....	27
4.11	Quais são as dimensões da piscina para bebês?.....	27
4.12	Qual é a temperatura da água para as aulas de bebês?.....	28
4.13	Qual é a forma de tratamento da água?.....	28
4.14	Quais os materiais utilizados nas aulas?	29
4.15	A escola/academia disponibiliza um espaço específico para vestir o bebê (trocador)? Onde?.....	30
4.16	É obrigatório o uso de fraldas durante as aulas?	31
4.17	É permitido amamentar o bebê durante a aula (na água)?.....	31
4.18	É necessária a apresentação de atestado médico para ingressar no programa?.....	32
4.19	Por quem os bebês são acompanhados na água durante as aulas?	32
4.20	Há quanto tempo são oferecidas aulas para bebês neste local?....	33
4.21	Observa-se um caráter sazonal na frequência dos alunos nas aulas de atividades aquáticas para bebês ao longo do ano?.....	33
4.22	Qual a participação do programa de atividades aquáticas para bebês no faturamento da academia (percentual médio)?.....	33
4.23	Qual o valor das mensalidades?.....	34
5.	CONCLUSÃO	35
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
7.	APÊNDICE	41

1. INTRODUÇÃO

A procura por programas de atividades aquáticas para bebês vem se tornando cada vez maior nos últimos anos (PAYNE: ISAACS, 2007), uma vez que, de acordo com Damasceno (1997, p.39), esta é “a atividade mais completa e a única que se pode praticar desde o nascimento. Portanto, seria um excelente elemento para iniciar os bebês na aprendizagem motora”. Grande incentivo é dado a essa prática em função de muitos médicos e psicólogos aconselharem os programas aquáticos para bebês (LIMA, 2003).

A “natação para bebês” pouco pode ser relacionada com as técnicas desta modalidade esportiva, enquadra-se muito mais como um meio de estimulação dos movimentos iniciais dos bebês (BRESGES, 1980). De acordo com Amaral (1980), esta atividade não é somente um esporte, mas um meio de educação, de atender a saúde, a segurança e o lazer. São diversos os benefícios que as atividades aquáticas podem proporcionar ao desenvolvimento infantil, em todos os aspectos do desenvolvimento - afetivo, cognitivo, social e motor (SILVA; MARTINS; MORAIS; GOMES; 2009).

A prática motora, quando realizada em um ambiente agradável e com a estrutura adequada, é capaz de influenciar positivamente o desenvolvimento (DAMASCENO, 1997). Direcionando esta afirmação para os programas de atividades aquáticas, quando se trabalha com bebês na água, algumas questões relacionadas à estrutura das escolas/academias e da própria piscina são imprescindíveis para um trabalho de qualidade (LIMA, 2003).

Damasceno (1997) defende que não há um programa aquático ideal para bebês. Além de haver poucos estudos, não há na literatura um acordo sobre a estrutura mais adequada a estes programas. Em função disso, o presente estudo buscou acercar-se do que deveria ser uma estrutura ideal para se trabalhar com os bebês no meio líquido. Este trabalho tem como objetivo verificar os aspectos estruturais das aulas, das piscinas e das escolas/academias da cidade de Porto Alegre que trabalham com atividades aquáticas para bebês.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo se propõe a fazer uma revisão da literatura a respeito das atividades aquáticas para bebês, focando em aspectos estruturais dos programas e das escolas/academias de natação.

2.1 Atividades Aquáticas para Bebês

As atividades aquáticas podem influenciar de forma positiva o desenvolvimento motor de bebê (BRESGES, 1980; CLEVINGER, 1986; DAMASCENO, 1997; DEPELSENEER, 1989; FONTANELLI: FONTANELLI, 1995; MADORMO, 2008: MORENO; ABELLÁN; LOPEZ, 2003; NAKAMURA: SILVEIRA, 1998). Inicialmente o desenvolvimento motor era estudado a partir de uma perspectiva maturacionista, na qual a maturação do sistema nervoso central era a responsável pelo desenvolvimento motor (GALLAHUE, OZMUN, 2005), sendo a hereditariedade e a genética os principais fatores responsáveis por este processo (HAYWOOD; GECTHELL, 2004). Atualmente já se sabe que outros elementos também estão envolvidos no desenvolvimento das habilidades motoras (SILVA; MARTINS; MORAIS; GOMES; 2009) – os fatores relacionados ao indivíduo, ao ambiente e à tarefa (GALLAHUE, OZMUN, 2005; HAYWOOD, GECTHELL, 2004; PAYNE, ISAACS, 2007).

Tendo em vista que o ambiente e as possibilidades de exploração que o bebê vivencia são fatores capazes de direcionar trajetórias de desenvolvimento diferenciadas, a procura por programas de estimulação precoce vem crescendo nos últimos anos, entre eles os de música, língua estrangeira e natação para bebês (PAYNE; ISAACS, 2007).

Alguns autores, através de pesquisas, demonstraram de forma quantitativa os efeitos positivos da atividade aquática no desenvolvimento motor de bebês ao longo dos primeiros 18 meses de vida (AHRENDT, 1999; PEREIRA, 2009; PEREIRA; SACCANI; VALENTINI; AZEVEDO, 2011). Ferreira, citado por Lima (2003), acrescenta ainda, a influência desta prática no desenvolvimento emocional, uma vez que, os programas aquáticos para bebês ajudam também, no desenvolvimento da

personalidade infantil, basicamente formado até os dois anos de idade (DAMASCENO, 1992; FERREIRA apud LIMA, 2003; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998). Os bebês participantes destes programas de atividades aquáticas recebem um acúmulo de experiências que vai se somando ao longo do tempo, contribuindo assim, a sua melhor educação integral.

Outros benefícios que as atividades aquáticas podem proporcionar aos bebês, freqüentemente citados na literatura, é a adaptação ao meio líquido, a coordenação motora, o reforço no sistema imunológico, a estimulação do apetite, a regularização do sono, o auto-salvamento e ainda, alguns autores citam a socialização (AMARAL, 1980; BRESGES, 1980; FERREIRA, 2003 apud LIMA, 2003; GRAU, 2007; NASCIMENTO, 1984; NAVARRO E TARRAGO, 1989 apud DAMASCENO, 1997; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998).

A atividade aquática ainda traz, para este público, a prevenção de problemas posturais e respiratórios, prevenindo diversas doenças (NAKAMURA; SILVEIRA, 1998). Com relação à melhora ou não da imunidade dos bebês através das atividades aquáticas, há muitas divergências entre os pediatras: há relatos do perigo de algumas enfermidades pela falta de estrutura ideal, pois acreditam que a diferença de temperatura da piscina e do ambiente, o tipo de tratamento químico e a má higiene da água podem causar otites, rinites, alergias ao cloro, etc (LIMA, 2003; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998). Entretanto, foram constatados por outros pesquisadores, como Pereira (2011), melhorias no estado geral de saúde dos participantes dos programas aquáticos e em função disso muitos profissionais começaram a aconselhar esta atividade; assim médicos e psicólogos tornaram-se um dos principais incentivadores dos programas de atividades aquáticas para bebês (LIMA, 2003).

Diante das evidências citadas, a atividade aquática tem se configurado como um dos programas mais conhecidos e mais procurados para propiciar a estimulação e o desenvolvimento dos bebês (LIMA, 2003; PAYNE, ISAACS, 2007). Segundo Damasceno (1997), é uma das atividades mais completas, excelente para iniciar a criança em uma aprendizagem organizada e global, não existindo restrição quanto à idade mínima para começar, podendo iniciar desde o nascimento.

2.2 Programas de Atividades Aquáticas para Bebês: a importância de questões estruturais das escolas e academias

Os fatores do ambiente e da especificidade da tarefa são primordiais para o desenvolvimento infantil (GALLAHUE; OZMUN, 2005; HAYWOOD; GETCHELL, 2004). As restrições ambientais podem ser físicas ou ainda socioculturais. Sendo que as primeiras são características físicas do ambiente, como temperatura, umidade, luz, gravidade, superfície, entre outros; e a segunda engloba o nosso ambiente sociocultural, que pode encorajar ou desencorajar comportamentos, incluído os motores (HAYWOOD; GETCHELL, 2010). Direcionando essa discussão para os programas de atividades aquáticas para bebês, fica clara a importância de um ambiente adequado, agradável, encorajador e estimulador, a fim de agregar mais qualidade ao trabalho desenvolvido.

De acordo com Lima (2003), é de suma importância a estrutura do ambiente onde se pretende trabalhar com programas aquáticos para bebês. Alguns cuidados são fundamentais, como questões relativas à temperatura e tratamento da água, à estrutura da piscina e da escola, materiais utilizados durante a aula, entre outros.

Qual seria a estrutura ideal dos programas de atividades aquáticas para bebês? Não existe um consenso na literatura, há muitas opiniões diferentes e algumas contradições. Segundo Damasceno (1997), não existe um programa ideal e infelizmente sabemos que “a realidade disponível à prática docente de cada um é bastante heterogênea, isto é, climas diferentes, recursos pedagógicos desiguais, instalações e materiais distintos, etc.” (DAMASCENO, 1997, p.42). Buscamos a seguir, analisar e nos acerrar do que seria uma estrutura mais adequada para se trabalhar com esta faixa etária no meio líquido.

2.2.1 Nomenclatura

Existe uma polêmica na literatura sobre a diversidade de nomes para designar aos programas de intervenção motora para bebês realizados no meio líquido. A nomenclatura mais conhecida é “natação para bebês” (DAMASCENO, 1997; LIMA, 2003; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998). Entre outras terminologias citadas, podemos citar: atividades aquáticas para bebês (GRAU, 2007; LIMA, 2003), adaptação ao meio aquático na primeira infância (BARBOSA 2003^a citado por LIMA,

2003), aprendizagem motora precoce na água (DAMASCENO, 1997), estimulação aquática para bebês (MORENO, PAULA, 2005^a) e natação para lactantes (BRESGES, 1980). A palavra natação deveria estar acompanhada de aspas, justamente por haver dificuldade de conceituar o termo natação e ainda, pela dúvida se este estaria bem empregado a esta faixa etária (BRESGES, 1980).

Ou seja, existe uma má interpretação quanto à nomenclatura da chamada “natação para bebês”. Esta atividade pouco tem a ver com as técnicas da natação (BRESGES, 1980), é uma “atividade-meio” – um meio de aprendizagem, de educação, de saúde, de lazer, etc. (AMARAL, 1980). Segundo Fernandes e Lobo da Costa (2006, p 5), há “uma proposta baseada na interação dinâmica entre organismo, ambiente e tarefa”. Esta prática realizada no meio líquido tem como objetivo o desenvolvimento global de crianças de 0 a 2 anos de idade, seja qual for a terminologia usada (ZULIETTI, SOUSA, 2002).

”A aprendizagem de natação para bebês não se detém somente no fato de que a criança aprenda a nadar como afirma Navarro e Tarrago (1980), mas sim, que contribua para ativar o processo evolutivo psicomorfológico da criança, auxiliando o desenvolvimento de sua psicomotricidade e reforçando o início de sua personalidade. O raio de ação da natação para bebês [...] envolve desde a ativação das células da criança até um melhor e mais precoce desenvolvimento de sua psicomotricidade, sociabilidade e reforço do sistema cardiovascular, assim como uma excelente oxigenação e um harmônico crescimento morfológico” (DAMASCENO, 1997, p.39).

2.2.2 Idade ideal para ingressar no programa aquático.

Outra grande discussão existente é em relação à idade ideal para a iniciação dos programas de atividades aquáticas para bebês. Depelseeneer (1989) sugere que devemos reduzir ao máximo o tempo entre o nascimento e o início no programa de atividades aquáticas, visando uma facilitação da aprendizagem, propondo que o bebê possa iniciar por volta dos 15 dias ou 3 semanas depois de nascer.

Já viemos de um “mundo aquático” – o ventre (DAMASCENO, 1997; DEPELSENEER, 1989; GRAU, 2007; NAKAMURA; SILVEIRA, 1998) – e em função disso há uma adaptação tranquila, sendo assim a atividade aquática pode ser praticada desde o nascimento (AMARAL, 1980; DAMASCENO, 1997; LIMA, 2003). No entanto, deve haver condições mínimas de higiene e segurança no ambiente em

que as aulas serão realizadas. Alguns autores apontam para a necessidade de esperar a cicatrização umbilical, por volta dos 14 dias de vida, como idade ideal para o ingresso no programa aquático (AZEVEDO, 2008; NAVARRO, TARRAGO apud DAMASCENO, 1997).

Apesar de proporem o ingresso no programa aquático desde o nascimento, alguns autores ponderam que os bebês possuem a pele muito sensível à contaminação e é entre os dois e três meses que já se adquire um bom número de anticorpos (AMARAL, 1980; LIMA, 2003; NAKAMURA E SILVEIRA, 1998; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997; VELASCO, 1997).

Bresges (1980) acrescenta a preferência por trabalhar com bebês a partir dos dois meses, em função deles resistirem melhor ao transporte na piscina do que um recém nascido e ainda de diminuir as chances de o bebê desenvolver algum tipo de medo da água. Velasco (1997), por sua vez, opina que o melhor seria trabalhar a partir dos três meses, pois há uma maturidade cervical que facilita o transporte e a sustentação da criança pela mãe (ou acompanhante). Nesta fase, o organismo do bebê está mais protegido (VELASCO, 1997; NAKAMURA; SILVEIRA, 1998), uma vez que já tomou grande parte das vacinas (CLEVENGER, 1986; MADORMO, 1997). De acordo com Fontanelli e Fontanelli (1995), esta é a idade mais comum dos pais iniciarem os seus bebês nos programas aquáticos.

Amaral (1980), menciona a preferência de trabalhar com bebês a partir dos 6 meses, por manterem a cabeça mais firme. No mesmo sentido, Hernández (2008) confirma que algumas escolas recebem bebês entre os 6 e 7 meses para a iniciação de um programa de atividade aquática. Destas afirmações, o mesmo autor conclui que as instalações destas escolas não são suficientemente adequadas para receber bebês com faixa etária menor do que as citadas.

É sabido que “a estrutura é imprescindível para um trabalho com bebês” (LIMA, 2003, p. 105) e é pela falta de condições estruturais, ditas ideais, que muitos autores defendem a iniciação tardia nos programas de natação para bebês, pois acreditam que não se possui o ambiente necessário para trabalhar com crianças com esta faixa etária (AMARAL, 1980; LIMA, 2003; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; NAVARRO E TARRAGO - 80 citado por DAMASCENO, 1997 E VELASCO, 1997).

2.2.3 Organização das Aulas de Atividades Aquáticas para Bebês

Não há uma classificação padrão em relação à idade mínima e a máxima para a faixa etária considerada bebê, há dificuldade em realizar uma divisão nas turmas, com a intenção de focar nas necessidades dos bebês no decorrer do seu desenvolvimento. Sugere-se uma divisão por faixa etária, em três grupos distintos da seguinte maneira: dos 3 aos 9 meses, dos 10 aos 15 meses (1 ano e 3 meses) e dos 16 meses aos 35 meses (2 anos e 9 meses) (LIMA, 2003). Outros autores sugerem diferentes divisões nas turmas: em dois grupos - dos 3 meses a 1 ano e de 1 a 2 anos (SILVEIRA; NAKAMURA, 1998) e em quatro grupos – de 0 a 3 meses, de 3 a 6 meses, de 6 a 9 meses e de 9 a 12 meses (GRAU, 2007).

Rodriguez^{1/2}, citado por Salles e Mataruna (2006), indica e justifica as subdivisões nas turmas de atividades aquáticas para bebês em três momentos. O primeiro seria do nascimento até aproximadamente os 3 ou 6 meses, época em que os bebês possuem e começam a perder seus reflexos involuntários. A segunda fase seria dos 6 meses a 1 ano, quando os movimentos são mais voluntários. E a terceira fase, na qual a criança desenvolve as habilidades motoras primárias, entre 1 e 2 anos de idade.

A cada fase de desenvolvimento do bebê, ele necessita de atividades distintas e específicas, sendo que não necessariamente acompanha as idades descritas acima (DAMASCENO, 1997; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998). Outra dificuldade que é encontrada e citada na literatura, para a realização de uma subdivisão ideal nas turmas, é a característica heterogênea que se encontra neste grupo (DAMASCENO, 1997; LIMA, 2003).

O número de alunos por turma varia conforme a estrutura que a piscina disponibiliza, pois conforme a atividade, a mãe (ou cuidador) e o bebê necessitam de um determinado espaço para o bom andamento da aprendizagem (NAKAMURA; SILVEIRA, 1998).

Com relação à duração da aula, de acordo com Hernández (2008), as primeiras aulas devem ser de curta duração e progressivamente ir aumentando o tempo das aulas para até vinte minutos. Velasco (1997) está de acordo com a

¹ RODRIGUEZ, C. C. G. La Actividad Motriz Del Niño de 0 a 1 año. Revista Digital, n. 38, 2004a.

² RODRIGUEZ, C. C. G. La Actividad Motriz Del Niño de 1 a 2 años. Revista Digital, n. 40, 2004b.

afirmação, porém, sugere que para bebês de até três meses deve-se iniciar com dez a quinze minutos. Após os seis meses e até um ano de idade, Navarro e Tarrago (1980), aconselham aulas de quinze a vinte minutos, a partir de então, ir aumentando gradualmente o tempo de aula. No entanto, sempre respeitando o limite da criança, encerrando a sessão ao perceber sinais de desconforto (LIMA, 2003; SILVEIRA; NAKAMURA, 1998;). É de consenso por diferentes autores, que a duração não ultrapasse trinta minutos, tempo este aceitável e que possibilita um bom andamento das aulas e dos objetivos propostos (LIMA 2003; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997; SILVEIRA E NAKAMURA 1998; VELASCO, 1998).

São poucas as citações sobre a frequência das aulas dos programas aquáticos semanalmente. Porém, Velasco (1997) e Lima (2003) estão de acordo que para um melhor avanço no desenvolvimento, duas vezes na semana seria o ideal.

2.2.4 Questões estruturais da piscina e da escola/academia de natação.

Para um programa de atividades aquáticas para bebês, Grau (2007) e outros autores recomendam que a piscina deva ser, além de exclusiva, coberta e climatizada (NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997). O local onde as aulas serão desenvolvidas deve oferecer condições de controle da temperatura, do ambiente e da água (AMARAL, 1980; LIMA, 2003). Segundo o regulamento sanitário das piscinas para uso coletivo da Cataluña, as piscinas devem dispor de instalações que mantenham a renovação do ar, a temperatura entre dois a quatro graus superior a da água e ainda uma umidade relativa do ar de sessenta a setenta por cento (GRAU, 2007).

É praticamente um consenso geral, pela maioria dos autores, que a temperatura ideal para a água da piscina onde será realizado o trabalho com bebês, seja de trinta e dois graus (BRESGES, 1980; LIMA, 2003; GRAU, 2007; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; VELASCO, 1997). Alguns dos autores justificam como sendo essa a temperatura adequada para manter o bebê aquecido e confortável, pois ele perde calor com mais facilidade. Entretanto, são mantidos estímulos suficientes para levá-lo a um aumento da atividade física (BRESGES, 1980; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998).

Segundo Fontanelli e Fontanelli (1985), a temperatura para trabalhar com os bebês deve estar em torno de 28°C a 32°C, podendo chegar a 34°C no inverno. Silveira e Nakamura (1998) propõem a temperatura de 31°C a 32°C graus no verão e 34°C a 35°C no inverno. E Amaral (1980) defende que 33°C graus é o ideal para bebês a partir de seis meses. Bresges (1980) acrescenta que deve haver uma redução gradual da temperatura da água do banho dos bebês, para que se acostumem aos poucos e não sintam uma grande diferença ao iniciar nas aulas de atividades aquáticas.

A qualidade da água influencia muito na saúde dos bebês. O tipo de tratamento utilizado, que deve ser rigoroso, e a manutenção freqüente são pontos fundamentais para um programa de atividades aquáticas para esta faixa etária.

O cloro é o tratamento mais utilizado para desinfecção das piscinas (GRAU, 2007; MAIERÁ 1999 apud LIMA, 2003), seu objetivo é garantir um bom estado de saúde da água contra as contaminações e custo para isso é baixo. Porém, deve-se ter em conta (e ainda mais se tratando de bebês) que o cloro é um gás irritante às mucosas e ao sistema respiratório (GRAU, 2007). Sua concentração deve ficar abaixo dos 3 ppm (parte por milhão) para minimizar os problemas alérgicos (LIMA, 2003). Velasco (1997) defende que o nível do cloro deve estar em 1.5 e o Ph, em 7.4. A água para estar bem tratada deve manter o cloro e o Ph dentro do padrão ideal e haver um controle químico e bacteriano rigoroso e freqüente (AMARAL, 1980; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; VELASCO, 1997). O ideal é adotar o sistema de cloração gasosa ou dióxido de cloro, porque pode haver concentração de cloro em alguns pontos através da cloração manual (BRESGES, 1980).

A água salinizada, outra forma de tratamento também utilizada, transforma o sal em cloro ativo natural que formam o ácido hipocloroso que trata a água da piscina, o que acaba sendo menos agressivo que o cloro puramente (MARIETTO, 2008).

Uma alternativa ainda melhor, mas pouco utilizada, é o ozônio. Este tipo de tratamento permite oferecer uma água mais limpa e saudável, que elimina os desconfortos causados pelo cloro, como cheiros desagradáveis e a irritação nos olhos (GRAU, 2007).

Em relação às dimensões da piscina, Bresges (1980) relata de sua experiência, que normalmente as piscinas possuem medidas de 8m de largura e 12 m de comprimento. A profundidade da mesma encontra-se em uma medida que permita que o professor e os acompanhantes dos bebês sintam-se confortáveis para o manuseio com a criança e que permitam uma melhor liberação dos movimentos do bebê, a média encontrada na literatura esta entre 1,20 m a 1,30 m (BRESGES, 1980; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998, VELASCO, 1997).

Os materiais utilizados nas aulas de atividades aquáticas para bebês têm um grande valor pedagógico. Permitem que os bebês vivenciem experiências e formas de movimento que representaram estágios necessários no caminho para familiarização e segurança na água (BRESGES, 1980). Os materiais devem ser adequados ao nível de desenvolvimento de cada bebê (VELASCO, 1997) e ainda, devem estar sempre higienizados (MADORMO, 2008).

Lima (2003) cita alguns materiais auxiliares nas aulas, sendo aqueles capazes de chamar a atenção da criança ou aqueles que sustentam o peso destes, como: as plataformas (os redutores de profundidade), as bolas coloridas de tamanhos diversos, os tapetes de EVA e os brinquedos macios que flutuam e que afundam. Entre outros encontrados na literatura, estão as barras de sustentação das piscinas e as bóias de braço (BRESGES, 1980).

É fundamental para o trabalho de atividades aquáticas, realizado com bebês, a existência de um vestiário com trocador, que seja climatizado e higienizado; Este deve ser localizado perto da piscina para que as crianças não sejam expostas a uma mudança brusca de temperatura (HERNÁNDEZ, 2008; SILVEIRA; NAKAMURA, 1998; VELASCO, 1997). Porém, na falta de uma estrutura adequada, pode ser incluído bancos largos e aquecidos no ambiente da piscina (BRESGES, 1980). Um banheiro específico para esta faixa etária, proporcionaria a oportunidade de a criança aprender com mais facilidade, a controlar suas necessidades esfincterianas e a não realizar-las na piscina (VELASCO, 1997).

2.2.5 Questões complementares à prática das atividades aquáticas para bebês

O horário do sono e da alimentação dos bebês deve ser respeitado, evitando que coincida com as aulas de atividades aquáticas (BRESGES, 1980; GRAU, 2007;

HERNÁNDEZ, 2008). É recomendado que se realize a refeição no mínimo duas horas antes do início das aulas (NAKAMURA, SILVEIRA, 1998); porém, para outros autores, uma hora antes é o tempo suficiente (BRESGES, 1980; HERNÁNDEZ, 2008; LIMA, 2003).

Damasceno (1997) e Grau (2007) aconselham a amamentação dentro da água, sendo esta uma forma de relacionar o quanto pode ser agradável o ambiente líquido e ainda aumentar os laços afetivos entre mãe e o bebê. Existem mães que preferem amamentar seus filhos na piscina, pois o bebê aparenta estar mais leve, facilitando para as mães (LIMA, 2003).

Com relação à vestimenta adequada para as aulas de atividades aquáticas, é recomendado o uso de um calção e/ou maiô, para auxiliar na higiene da água, caso o bebê evacue, além de fazer com que o bebê condicione-se a não entrar na piscina sem esta roupa especial (BRESGES, 1980; GRAU, 2007; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998). Entretanto, Grau (2007) acrescenta que do ponto de vista sensorial seria aconselhável ao bebê manter-se desnudo na água, pois sua pele estaria diretamente em contato com este meio líquido.

Muitos médicos e psicólogos aconselham estes programas aquáticos aos bebês, o que vem incentivando ainda mais a procura pela natação para esta faixa etária (LIMA, 2003). Os pediatras são os principais fomentadores da natação para bebês, porque ao dar seu parecer favorável, depois de verificar a saúde da criança, aumentam as chances de as mães matricularem seus filhos nos programas de atividades aquáticas (LIMA, 2003). Bresges (1980) complementa esta afirmação, citando que a opinião do pediatra é suma importância para a iniciação e o acompanhamento dos programas de atividades aquáticas.

Diversos autores defendem que a presença da mãe ou do pai, durante as aulas, dizem ser fundamental para manter a segurança afetiva de seus bebês (BRESGES, 1980; DAMASCENO 1997; MADORMO, 1997; NAKAMURA, SILVEIRA 1998; VELASCO, 1997). A criança nada mais é do que o reflexo emocional dos pais (FONTANELLI, 1985), se estes demonstram insegurança, o bebê reage da mesma maneira (BRESGES, 1980). É importante instruir estes pais a abandonarem

condutas super protetoras e buscarem uma conduta adequada, que incentive a exploração do ambiente (MOULIN, 2007).

Além de transmitir segurança à criança, os pais devem demonstrar aos bebês o quanto é prazeroso estar na água, que este é um meio de múltiplas possibilidades de experiências e vivências. São eles os condutores do processo de aprendizagem (BRESGES 1980; FONTANELLI, FONTANELLI 1985; NAKAMURA, SILVEIRA, 1998; SANZ, 2006), cabendo ao professor a função de mediar esse processo (MADORMO 2008), com o objetivo de organizar e transmitir aos pais a importância de cada processo, fazer com que se sinta seguros e confiantes no trabalho realizado com seu bebê (SANZ, 2006).

3 METODOLOGIA

3.1 Problema de Pesquisa

Qual é a realidade estrutural dos programas e dos locais onde acontecem as atividades aquáticas para bebês em porto alegre?

3.2 Questões de Pesquisa

Para o presente estudo foram elaboradas questões de pesquisa relativas aos programas de atividades aquáticas para bebês focando nos seguintes aspectos: idades mínima e máxima da turma, frequência semanal e duração da aula, se há subdivisão da turma, temperatura e tratamento da água, questões estruturais da piscina e da escola/academia de natação, uso de fralda, amamentação durante a aula, materiais utilizados, número máximo de alunos por turma e por professor, quem são os acompanhantes dos bebês nas aulas, apresentação de atestado médico, percentual médio no faturamento da escola/academia de natação, valor da mensalidade, há quanto tempo essa atividade é oferecida na academia, caráter sazonal na frequência dos alunos, nomenclatura utilizada pela escola.

3.3 Participantes do Estudo

Foi feito um levantamento, através da internet, das escolas e academias de natação que trabalham com programas de atividades aquáticas para bebês na cidade de Porto Alegre. Estipulou-se como faixa etária de interesse para o trabalho, crianças de 0 a 2 anos.

A partir deste levantamento, foram encontradas 26 academias. Todos os locais foram contatados, porém apenas 14 estabelecimentos participaram efetivamente da pesquisa. Os demais não integraram a amostra por diversos motivos – algumas academias haviam fechado, outras se negaram a participar da pesquisa, etc.

Foram realizadas, portanto, 14 visitas, sendo que em cada uma das escolas/academias foi observada uma aula de atividades aquáticas para bebês e

aplicado ao professor responsável desta, um questionário sobre a estrutura das aulas e da escola/academia. O termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelo responsável da escola/academia para formalizar a autorização da coleta de dados no local.

3.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semi-estruturado contendo vinte e quatro perguntas (apêndice 1), para levantar dados quantitativos a respeito das instituições e da estrutura das aulas, abordando questões como temperatura da água, dimensões da piscina e materiais utilizados na aula.

3.5 Análise dos Dados

Para a análise dos dados foi utilizado o programa SPSS (versão 17.0). Para a descrição dos resultados foi realizada uma estatística descritiva com distribuição de frequência e medidas de tendência central e variabilidade. Também foram levadas em consideração as observações descritivas feitas pelos entrevistados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Qual a nomenclatura utilizada pela escola/academia para o programa de bebês?

Em relação á nomenclatura usada nas escolas/academias participantes deste estudo, a maioria respondeu que utiliza o termo “natação para bebês”, como mostrado no gráfico abaixo (figura 1).

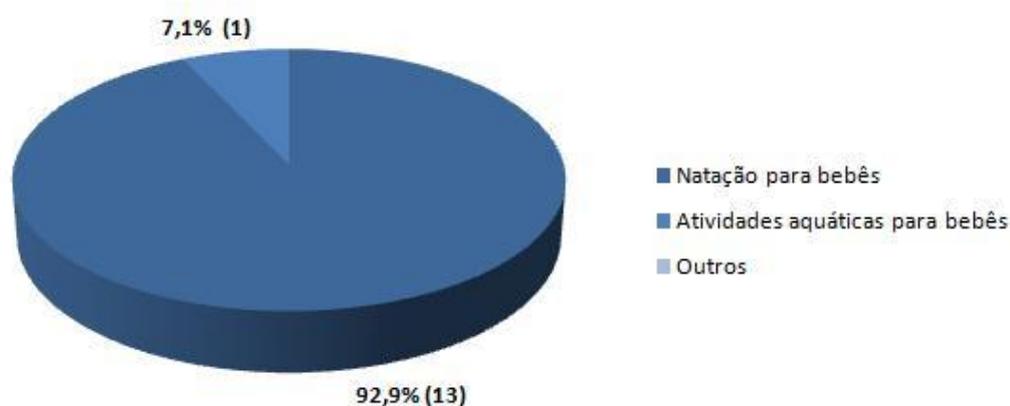


Figura 1 – Distribuição das academias de acordo com a nomenclatura utilizada

Na literatura, há uma diversidade de terminologias utilizadas para nomear as atividades no meio líquido com os bebês, não há um consenso por parte dos autores. Visto que entre as escolas/academias pesquisadas o termo “natação para bebê” foi o mais utilizado, é interessante apontar que Bresges (1980) relata que a palavra natação deveria estar sempre acompanhada de aspas, pois pouco tem a ver com as técnicas desta modalidade esportiva. Este não é o termo mais adequado, mas é muito utilizado em função de ser mais atrativo, um apelo comercial (POLI, 2011).

4.2 Qual a idade mínima para o ingresso no programa de atividades aquáticas para bebês?

Com relação à idade mínima para o ingresso nos programas de atividades aquáticas, observou-se uma média de 4,64 meses (± 2), sendo que a menor idade citada foi a partir da cicatrização do coto do cordão umbilical, por volta de 14 dias (0 meses); e a maior idade citada para a iniciação dos programas, foi de 6 meses, sendo esta a opção encontrada na grande maioria das escolas/academias de natação de Porto Alegre (64,3%). No gráfico abaixo (figura 2) está descrita a distribuição de freqüência das academias/escolas de natação de acordo com a idade mínima de ingresso:

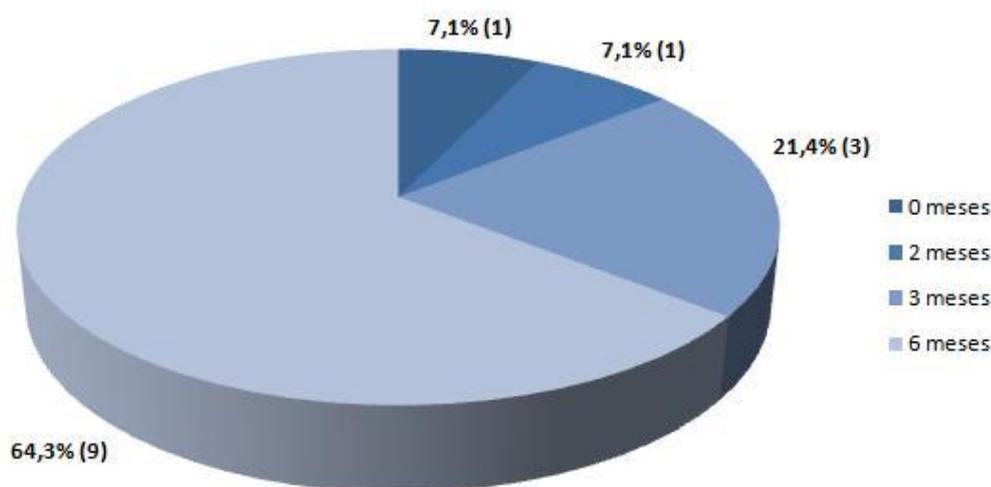


Figura 2 – Distribuição das idades mínimas para iniciação nas Atividades Aquáticas para bebês.

A questão da idade mínima para ingressar em um programa de atividades aquáticas para bebês é bastante polêmica e gera discussões e diferentes pontos de vista na literatura.

Apenas 7,1% das escolas/academias pesquisadas citaram a iniciação dos bebês nas atividades aquáticas desde no nascimento, sendo esta a idade defendida por grande parte dos autores (AMARAL, 1980; DAMASCENO, 1997; LIMA, 2003). Entretanto, os mesmos defendem que para isso, deve haver condições mínimas de higiene e segurança no ambiente em que as aulas serão realizadas.

Porém, por prevenção, algumas das escolas/academias citadas neste estudo, recomendam a iniciação dos bebês entre os 2 ou 3 meses, pois é quando há um bom número de anticorpos (AMARAL, 1980; LIMA, 2003; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997; VELASCO, 1997).

Em Porto Alegre, foi constatado que 64,3% das escolas/academias iniciam os programas de atividades aquáticas com bebês a partir de 6 meses de idade. Porém, há poucas as referências literais que justificam esta escolha, segundo Hernández (2008) a resposta seria por não haver uma estrutura adequada para receber os bebês menores que esta faixa etária.

A falta de condições estruturais, ditas ideais, faz com que muitos autores defendem a iniciação tardia nos programas de natação para bebês, pois acreditam que não se possui o ambiente necessário para trabalhar com crianças com esta faixa etária (AMARAL, 1980; LIMA, 2003; NAVARRO E TARRAGO - 80 citado por DAMASCENO, 1997; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; E VELASCO, 1997).

4.3 Qual a idade máxima considerada como bebês no programa de atividades aquáticas?

A idade máxima considerada, para a permanência da criança na turma dos bebês foi, em média, 3,25 anos ($\pm 0,643$). A maioria das escolas investigadas (71,4%) estipula como idade máxima para esta turma, crianças de 3 anos. Na figura 3 está descrita a distribuição de frequência das escolas/academias de natação de acordo com a idade limite para a permanência na turma de bebês:

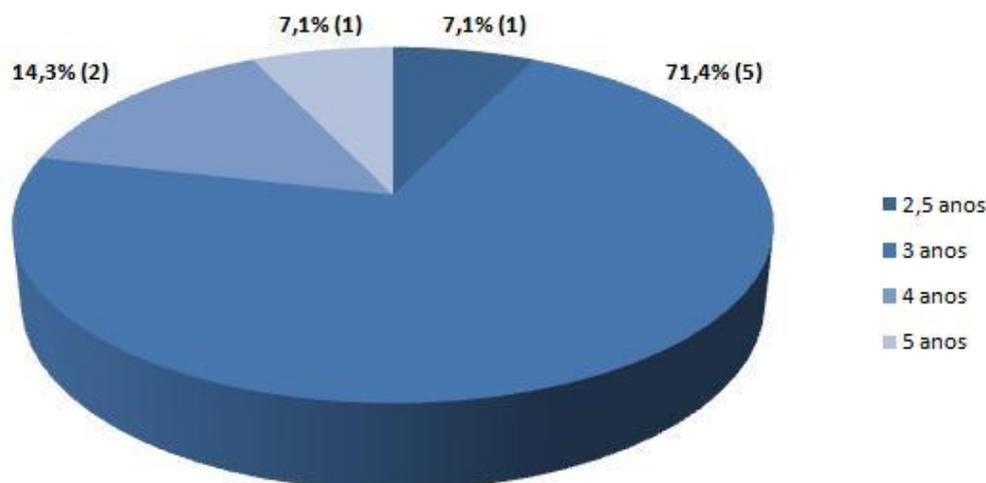


Figura 3 – Distribuição das idades máximas para permanecer das Atividades Aquáticas para bebês.

Quanto á idade limite considerada bebês, não existe um padrão, nem na literatura nem entre as academias pesquisadas.

Propomos neste estudo para faixa etária considerada bebê, crianças de 0 a 2anos de idade, porém, pode ser observado que a pesar de não existir um consenso sobre a faixa etária, todos os participantes desta pesquisa responderam uma idade limite acima do que foi proposto.

4.4 Existe alguma subdivisão por faixa-etária ou nível? Qual?

Considerando a faixa etária de 0 a 2 anos, a maior parte das escolas/academias (71,4%; n=10) não faz a subdivisão da turma de bebês em diferentes níveis, apenas quatro das escolas avaliadas (28,6%) realizam esta subdivisão e o fazem em duas faixas.

Em uma das escolas/academias é realizado a divisão de 0 a 1 ano e meio e a partir de 1ano e meio a 3 anos.

Porém, outra propõe a subdivisão de 0 a 1 ano e 3 meses, sendo que a segunda turma de 1 ano e 3 meses a 2 ano e meio..

Duas das instituições responderam que a primeira turma inicia com 6 meses e permanece até 1 ano e meio e a segunda turma de 1 ano e meio até os 3 anos.

Existem algumas dificuldades de realizar um bom trabalho com os bebês sem uma subdivisão, visto que o público é heterogêneo demais (LIMA, 2003; DAMASCENO, 1997). Porém, como pode ser visto nos resultados, sem um consenso da classificação da faixa etária considerada bebês, é difícil padronizar uma divisão nas turmas.

Seguramente, as escolas/academias que responderam trabalhar com as subdivisões, devem perceber que há a necessidade de atividades específicas para cada fase do bebê. Por tanto, é visto a necessidade de haver um consenso e padrão quanto a este ponto, para que o trabalho de atividades aquáticas seja desenvolvido com mais qualidade (LIMA, 2003). Precisa ser realizado novas pesquisas sobre este tema para tornar mais clara esta questão da divisão das turmas nos programas de atividades aquáticas pra bebês

4.5 As aulas acontecem quantas vezes por semana?

Com relação à frequência semanal das aulas, a maior parte das escolas/academias de Porto Alegre (92,2%; n=13) oferecem as aulas duas vezes por semana. Alguns professores justificam sendo esta a frequência ideal para um bom desenvolvimento do trabalho.

A maioria das escolas/academias que responderam a este estudo (92,9%) estão de acordo ao encontrado na literatura. Velasco (1997) e Lima (2003) concordam que para um melhor avanço no desenvolvimento dos bebês, duas vezes na semana seria o necessário para um ganho significativo do desenvolvimento infantil.

4.6 Qual é a duração das aulas para bebês?

Em Porto Alegre, entre as escolas/academias pesquisadas, as aulas de atividades aquáticas para bebês têm duração de 30 minutos na maioria delas (57,1%). Na figura 4, podemos ver como se distribui a frequência desta variável. Vale salientar que apenas uma escola utiliza uma hora de duração da aula.

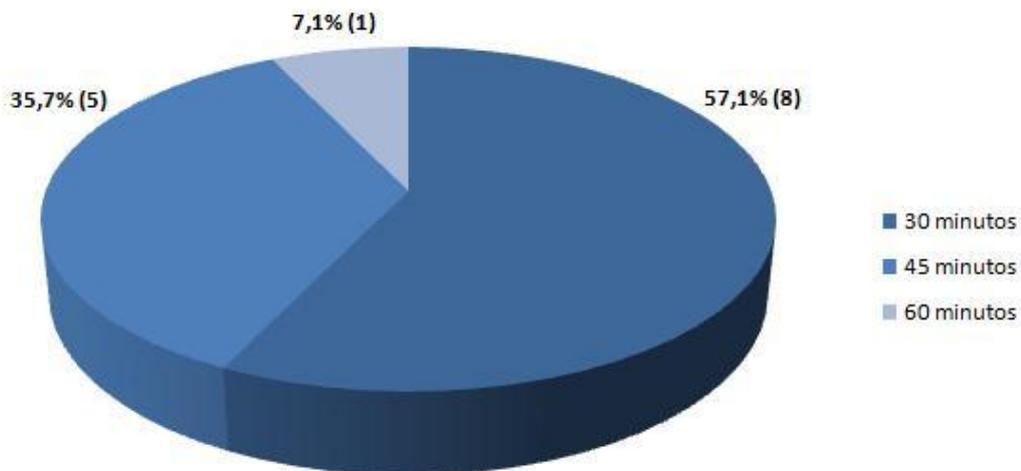


Figura 4 – Distribuição do tempo decorrido nas aulas de Atividades Aquáticas para bebês das escolas/academias analisadas..

Pode-se perceber conforme os resultados desta pesquisa, que 57,1% das escolas/academias de Porto Alegre que fizeram parte deste estudo, estão de acordo com a maioria dos autores que recomendam não ultrapassar dos 30 minutos de aula, quando trata-se de bebês (LIMA 2003; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998).

Entretanto, alguns destes e outros autores, como Velasco (1998) citam que a duração ideal seria aquela que vai aumentando gradualmente conforme a resistência do bebê e ainda, sempre respeitando o limite da criança.

4.7 Qual o número máximo de alunos por turma?

A média da quantidade de alunos por turma, entre as instituições que fazem parte desta pesquisa, é de 9,7 alunos por turma ($\pm 3,2$). A menor relação aluno/turma registrada neste estudo é de 6 alunos por turma e a maior encontrada é de 16 bebês por turma. É importante ressaltar que uma das instituições citou não ter um número limite de alunos por turma. (figura 6).

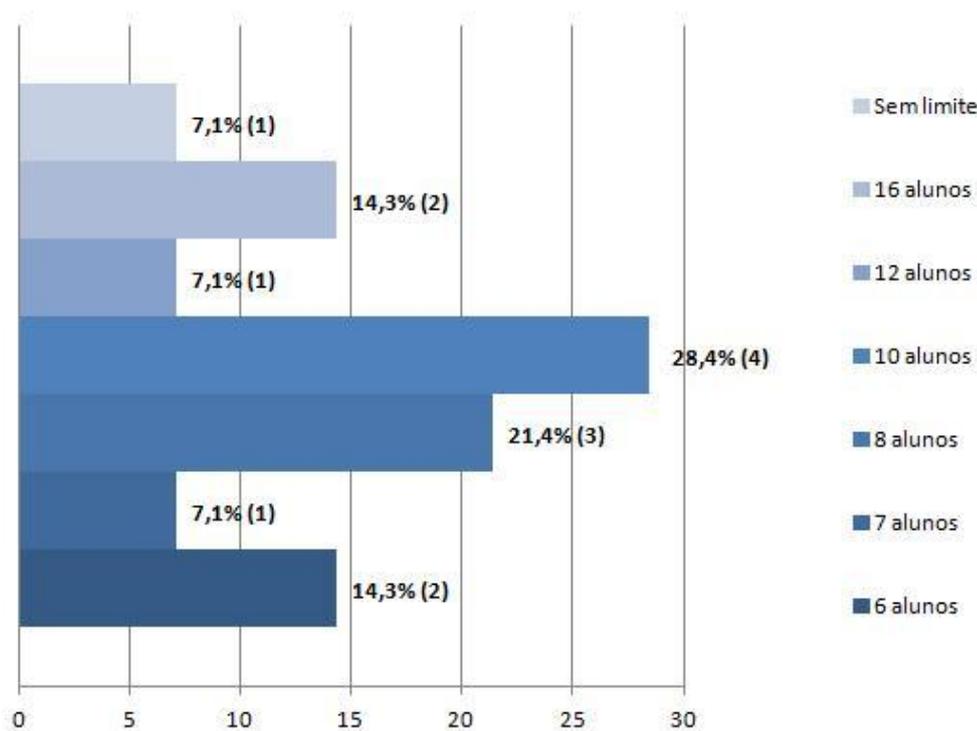


Figura 6 – Distribuição do número máximo de alunos por turma nas escolas/academias analisadas.

É citado por Nakamura, Silveira (1998) que o número de alunos por turma é variável conforme a estrutura da piscina, o que nos leva acreditar na possibilidade das escolas/academias de Porto Alegre possuírem piscinas de grandes dimensões, pois atendem uma média de 10 alunos por turma. Pode-se pensar ainda na possibilidade de trabalharem com mais de um professor, para manter a qualidade de atendimento.

4.8 A escola/academia possui piscina exclusiva para o trabalho com bebês?

A realidade das escolas/academias de Porto Alegre, participantes desta pesquisa, mostra que em nenhuma delas existe uma piscina exclusiva para o trabalho com os bebês, todas realizam outro tipo de atividade no mesmo local. Entretanto, 14,28% (n=2) das instituições possuem uma piscina infantil, que é utilizada apenas pelos bebês e crianças maiores, aproximando-se da estrutura ideal referida na literatura – piscina exclusiva para o trabalho com bebês (GRAU, 2007; NAVARRO E TARRAGO apud DAMASCENO, 1997). Uma das justificativas é o elevado custo de manutenção sendo baixo o faturamento vindo deste público.

4.9 O trabalho com os bebês é realizado em uma piscina coberta ou descoberta?

Com relação às questões estruturais da piscina, todas as escolas/academias de natação (100%, n=14) de Porto Alegre, possuem piscinas cobertas.

Os resultados não foram surpreendentes, visto que uma piscina coberta se vê necessária na região sul onde o inverno é mais rigoroso e se percebe uma diminuição dos alunos também nesta época do ano. A piscina fechada garante um maior controle da temperatura da água e do ambiente (AMARAL, 1980; LIMA, 2003).

4.10 Existe algum espaço na piscina em que o bebê consiga permanecer em pé de forma independente? A piscina possui barra de sustentação?

Com relação à disponibilidade de um espaço na piscina em que o bebê possa vivenciar a postura em pé dentro da água, 78,6% das instituições (n=11) responderam não possuir este local, são poucas escolas/academias (n=3) que disponibilizam esta estrutura. No entanto, existe um material alternativo que possibilita aos bebês vivenciar a postura em pé – os redutores de profundidade. Em 71,4% (n=10) das academias este material é utilizado; sendo que das 11 academias que não possuem um espaço para o bebê ficar em pé, 7 (63,3%) possuem os redutores. Com relação à presença ou não de barra de sustentação, 85,7% (n=12) das escolas/academias oferecem esta estrutura para os bebês.

No estudo de Pereira e colaboradores (2011), foi encontrado uma superioridade no desenvolvimento motor dos bebês que participam de programas aquáticos nas posturas prono e em pé, e esse fato foi atribuídos às diversas possibilidades de vivenciar essas posturas durante a aula. Tendo em vista que os bebês brasileiros apresentam um desenvolvimento inferior justamente nessas posturas – prono e em pé – (SACCANI, 2009), fica clara a importância de a piscina dispor de um espaço em que o bebê possa ficar em pé.

4.11 Quais são as dimensões da piscina para bebês?

As dimensões da piscina (comprimento, largura e profundidade) se mostraram bastante variáveis. Algumas piscinas possuem diferentes profundidades, como podemos observar na tabela abaixo (tabela 1):

Tabela1: Médias e desvio padrão das dimensões da piscina em metros e os valores mínimos e máximos.

	Média ± DP	Mínima	Máxima
Comprimento	9,39 ± 4,68	8	25
Largura	15,29 ± 6,61	4	20
Profundidade			
- Apenas uma profundidade (n=8)	1,2 ± 0,1	0,9	1,4
- Diferentes profundidades (n=5)			
- Parte rasa	1,2 ± 0,2	0,9	1,4
- Parte funda	1,6 ± 0,3	1,4	2,15

A medida de profundidade ideal para a realização dos programas de atividades aquáticas, segundo autores, deve estar em um nível que o bebê possa realizar seus movimentos e que seja confortável para os acompanhantes, a média encontrada na literatura está entre 1,20m a 1,30 (BRESGES, 1980; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998, VELASCO, 1997). É muito importante que a piscina tenha uma profundidade que permita ao bebê e também ao seu cuidador a possibilidade de desfrutar a aula com conforto.

4.12 Qual é a temperatura da água para as aulas de bebês?

Com relação à temperatura, a maior parte das escolas/academias (50%; n=7) respondeu que utiliza a água em 32°C, porém a temperatura de 30°C também foi muito citada (35,71%; n=5). Em valores médios, a temperatura da água, nas instituições estudadas, variou entre 31,2 (±1) e 31,6 (±0,8), sendo que o menor valor encontrado foi 30°C, e o maior, 33°C. Vale salientar que duas escolas ressaltaram que no verão utilizam temperaturas mais baixas, entre 27°C e 29,5°C.

Diferentes autores aconselham a mesma temperatura da água encontrada neste estudo, de 32°C, para um trabalho realizado com bebês (BRESGES, 1980; LIMA, 2003; SILVEIRA, NAKAMURA, 1998; VELASCO, 1997; GRAU, 2007).

Entretanto, outros autores referem-se a diferentes temperaturas conforme a época do ano, sendo a mínima de 28° no verão (LIMA, 2003) e a máxima de 35° no inverno (SILVEIRA; NAKAMURA, 1998).

4.13 Qual é a forma de tratamento da água?

O tipo de tratamento mais utilizado pelas escolas/academias (50%, n=7) para controle e higiene da água é o salinizado, os resultados estão distribuídos da seguinte forma (figura 7):

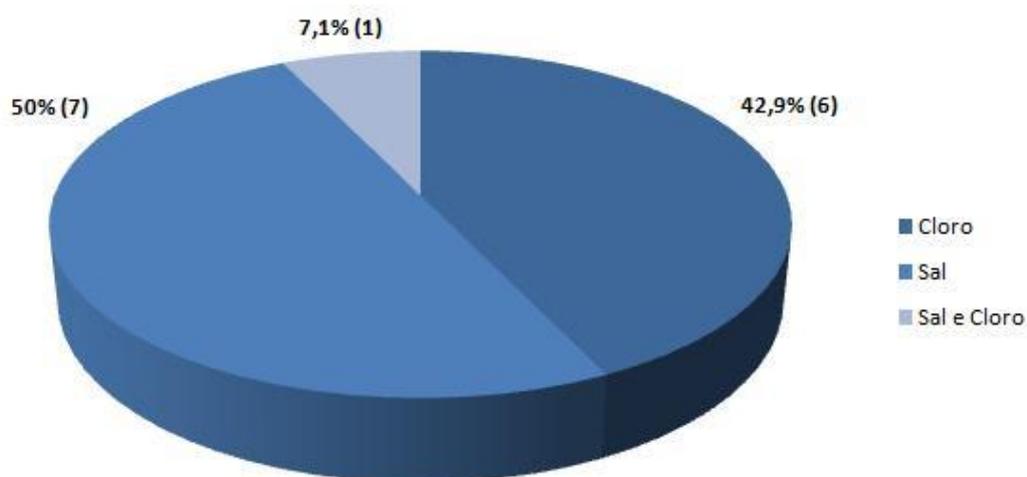


Figura 7 – Distribuição do tipo de tratamento da água das piscinas.

O tratamento a base de sal foi a resposta encontrada pela maioria das escolas/academias neste estudo, é considerado menos agressivo que o cloro puramente (MARIETTO, 2008). Entretanto, podemos verificar conforme os números da estatística que ainda existe muitas escolas/academias que utilizam o cloro para a desinfecção das piscinas. Grau (2007) menciona que o cloro não seria o ideal para se trabalhar principalmente tratando-se de bebês, que são mais sensíveis. É acrescentado por Lima (2003) que para minimizar os problemas alérgicos, a concentração do cloro deve permanecer abaixo dos 3ppm. Recomenda o ozônio como o tratamento menos ofensivo para este público (GRAU, 2007).

4.14 Quais os materiais utilizados nas aulas?

Os programas de atividades aquáticas, nas diferentes escolas/academias, utilizam diferentes materiais (figura 8). O único material presente em 100% (n=14) das escolas/academias foram os brinquedos de borracha. Outros materiais também citados pelos professores que responderam ao questionário foram pranchas, baldes, regadores, bolas, arcos, bóias de braço, letras de E.V.A., coletes, escorregador, materiais recicláveis construídos com garrafa pet.

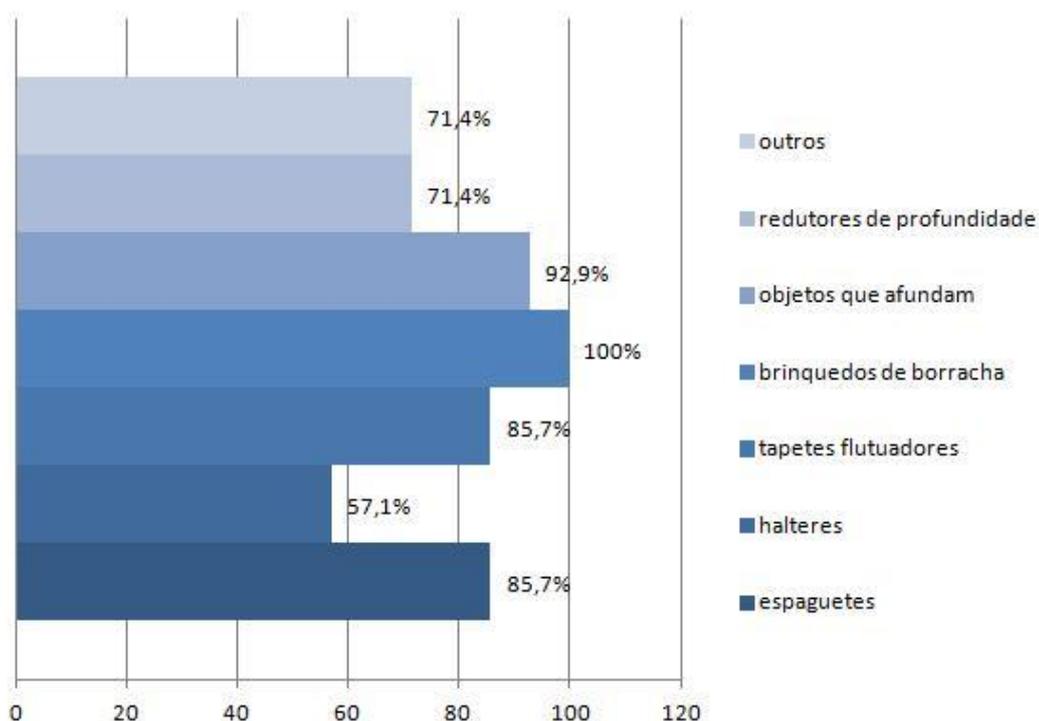


Figura 8 – Relação de materiais utilizados nas atividades aquáticas para bebês.

Perante aos resultados desta pesquisa constata-se que as escolas/academias de Porto Alegre não possuem uma grande variedade de materiais pedagógicos. Visto que foram poucas as que marcaram a opção de sugerir outros materiais utilizados, restringindo apenas aos materiais citados no questionário.

4.15 A escola/academia disponibiliza um espaço específico para vestir o bebê (trocador)? Onde?

Todas as escolas/academias de natação disponibilizam trocadores para bebês, sendo que estes são encontrados em diferentes locais: dentro (21,4%; n=3) ou fora (78,6%; n=11) do ambiente da piscina. Na figura 10, podemos visualizar o local onde se encontra os trocadores e em quantas escolas:

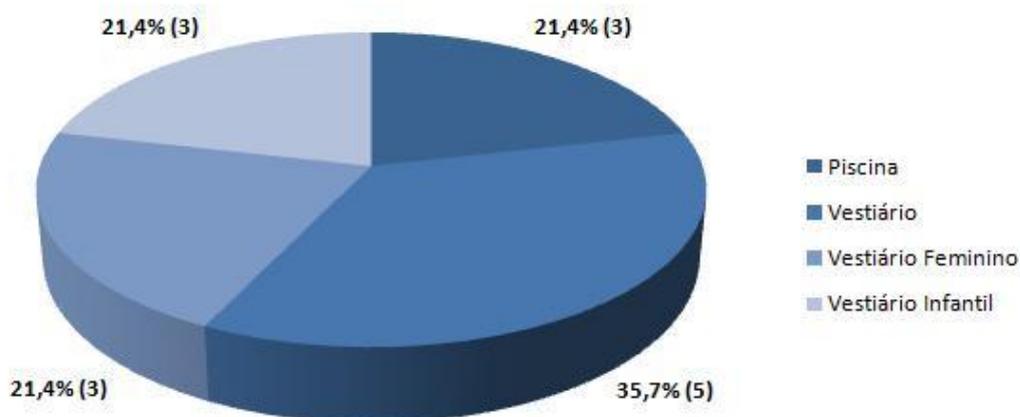


Figura 09 – Distribuição dos locais onde se localiza os trocadores de bebês.

Segundo Silveira, Nakamura (1998) e Velasco (1997) os trocadores devem ser localizado perto da piscina para que as crianças não sejam expostas a uma mudança brusca de temperatura. Entre as escolas/academias visitadas, havia uma parte delas que permaneciam o ambiente aquecido mesmo tendo o seu trocador fora do local da piscina. Foi observado, que 21,4% dos trocadores são encontrados apenas nos vestiários femininos, diminuindo o incentivo da participação do pai.

4.16 É obrigatório o uso de fraldas durante as aulas?

Alguns detalhes são importantes quando é realizado um trabalho com os bebês, um deles é o uso de fraldas, foi verificado que na metade das escolas/academias visitadas (51,1%; n=8) o seu uso não é obrigatório. Adeptos a esta opinião diversos autores sugerem o uso de calções pelas questões higiênicas da água da piscina (GRAU, 2007; BRESGES, 1980 E NAKAMURA, SILVEIRA, 1998). Entretanto, Grau (2007) acrescenta que do ponto de vista sensorial, seria aconselhável ao bebê manter-se desnudo na água, pois sua pele estaria diretamente em contato com o meio líquido.

4.17 É permitido amamentar o bebê durante a aula (na água)?

A amamentação na água durante a aula é outro detalhe importante. Alguns professores responderam que não se deve amamentar na água (35,7%; n=6) por questões higiênicas e, ainda, para não interromper o andamento da aula. Por outro lado, há professores que defendem que é natural, permitindo este momento de interação entre mãe/filho durante a aula (64,3%; n=8).

É de consenso da maioria dos autores, que se deveria respeitar o horário da alimentação dos bebês, evitando que coincida com as aulas de atividades aquáticas (BRESGES, 1980; GRAU, 2007; HERNÁNDEZ, 2008; NAKAMURA, SILVEIRA, 1998; BRESGES 1980; LIMA 2003).

Entretanto, há quem aconselhe a amamentação dentro da água, aproveitando que o bebê encontra-se mais relaxado, há mais conforto para a mãe e ainda se cria um momento afetivo entre mãe e filho (DAMASCENO 1997; GRAU, 2007; FONTANELLI, FONTANELLI, 1985).

4.18 É necessária a apresentação de atestado médico para ingressar no programa?

Entre as escolas/academias pesquisadas, a maior parte (71,4%; n=10) não exige a apresentação do atestado médico para iniciar no programa de atividades aquáticas para bebês, “salvo em casos especiais”, como foi citado por um dos professores. A liberação do pediatra é de suma importância para a iniciação e o acompanhamento dos bebês nas atividades do meio líquido (Bresges, 1980; Lima 2003).

4.19 Por quem os bebês são acompanhados na água durante as aulas?

Constatou-se em todas as escolas/academias (n=14) que a predominância dos acompanhantes, durante as aulas, é a mãe. Em seguida, a pessoa com a maior frequência em acompanhar os bebês foi o pai (92,9% n=13); e em terceiro lugar, outros acompanhantes (64,3% n=9), entre os quais foram citados a avó, a tia, a madrinha ou até mesmo a babá. Apenas 4 escolas/academias (28,6%) responderam que o bebê permanece com o próprio professor.

Conclui-se que entre os acompanhantes dos bebês nas atividades aquáticas, a predominância ainda continua sendo dos pais. E esta presença é fundamental

para o desenvolvimento da segurança afetiva do bebê (BRESGES, 1980; DAMASCENO 97, VELASCO, 1997, MADORMO 97, NAKAMURA, SILVEIRA 98). E ainda, um aprendizado aos próprios pais, para que abandonem condutas super-protetoras e iniciem a exploração do ambiente (MOULIN, 2007).

4.20 Há quanto tempo são oferecidas aulas para bebês neste local?

As atividades aquáticas para bebês nas escolas/academias de Porto Alegre, ocorrem, em grande parte, há mais de 6 anos. A instituição com menos tempo de experiência respondeu trabalhar há 3 anos e a escola/academia mais experiente desenvolve essa prática há 31 anos. A média encontrada foi de 15,83 ($\pm 10,62$), o que nos permite inferir que a maioria das instituições da cidade possui uma experiência considerável nesta modalidade.

4.21 Observa-se um caráter sazonal na frequência dos alunos nas aulas de atividades aquáticas para bebês ao longo do ano?

Todas as escolas/academias (n=14) responderam perceber um caráter sazonal na frequência dos bebês nas aulas de atividades aquáticas, com uma queda considerável nos meses de inverno.

Alguns dos professores que responderam ao questionário desta pesquisa comentaram alguns fatores influenciadores para esta questão, o principal deles seria o rigoroso inverno que a nossa região possui, quando comparado a outras regiões do Brasil, o que acaba por afastar os alunos neste período. Vale salientar que duas escolas relataram que no verão, entre a segunda quinzena de dezembro e o mês de fevereiro (meses de férias de muitos pais), também se observa uma queda na frequência dos alunos.

4.22 Qual a participação do programa de atividades aquáticas para bebês no faturamento da academia (percentual médio)?

O programa de atividades aquáticas para bebês representa um setor pouco rentável para escolas/academias, em média 2,42% ($\pm 3,35$) do faturamento destas. Entre as instituições questionadas 50% delas não informaram o valor percentual médio do seu faturamento, porém dentre as escolas/academias que responderam a

questão, 71,42% delas informou que este modalidade representava apenas 1% do faturamento total (figura10).

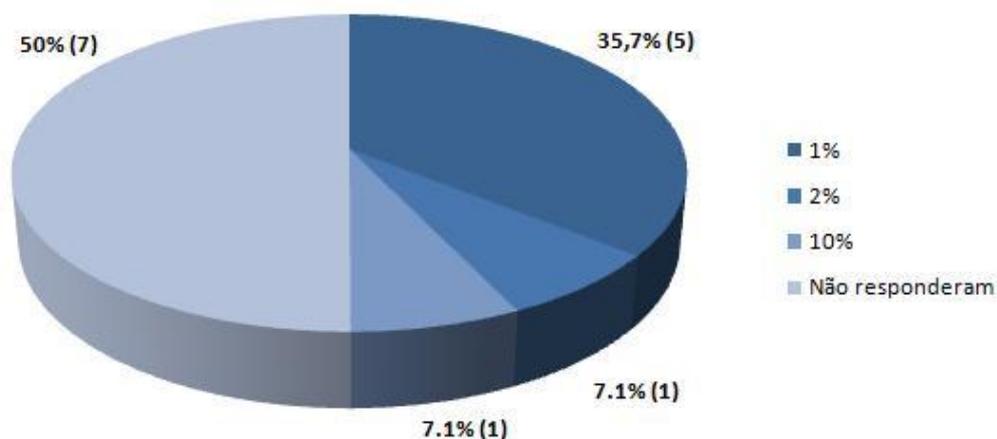


Figura 10 – Porcentagem média do faturamento das atividades aquáticas para bebê para as escolas/academias.

É curioso o fato das atividades aquáticas para bebês serem pouco rentáveis para as escolas/academias, sendo que este trabalho já é realizado a tanto tempo no “mercado”. Além do provável ganho, através dos programas para bebês, de novos alunos para as outras modalidades oferecidas na escola/academia, acredita-se no valor atribuído às atividades aquáticas e na importância do desenvolvimento global infantil.

4.23 Qual o valor das mensalidades?

Os valores das mensalidades das atividades aquáticas para bebês na cidade de Porto Alegre, conforme os dados constatados nesta pesquisa estão relacionados na tabela abaixo (tabela 2):

Tabela 2: Valores atribuídos nas mensalidades conforme a frequência semanal.

Frequência	1x	2x	3x
semanal			

Média	R\$ 74,00	R\$ 112,00	R\$ 125,00
Mínimo	R\$ 42,00	R\$ 65,00	R\$ 80,00
Máximo	R\$ 120,00	R\$ 150,00	R\$ 160,00

Há uma grande diferença de valores entre as escolas/academias pesquisadas, sendo que a estrutura não diferencia tanto.

5. CONCLUSÃO:

As atividades aquáticas para bebês na cidade de Porto Alegre é um trabalho oferecido há muitos anos, sendo confirmado pelo tempo de prática das instituições participantes desta pesquisa. São no mínimo 6 anos de experiência, tendo relatos de mais de 30 anos de trabalho. O trabalho é crescente, mesmo tendo sido constatado que a renda deste público para as escolas/academias é de apenas 1% do faturamento.

A nomenclatura mais utilizada é “natação para bebês”, e a maioria dos lugares citou a idade de 6 meses para a iniciação dos programas aquáticos, sendo a idade limite para permanecer nesta turma, 3 anos.

As aulas de natação para os bebês ocorrem, geralmente, duas vezes por semana, com duração de meia hora e o acompanhante mais citado foi a mãe, seguido pelo pai.

Em relação à estrutura, todas as escolas/academias de Porto Alegre possuem piscina coberta, climatizada e com uma temperatura média de 32°C; adequado para a nossa região sul que possui invernos mais rigorosos, necessitando de uma estrutura diferenciada. No entanto, nenhum participante deste estudo apresentou uma piscina exclusiva para o público dos bebês, sendo esse um fator importante.

O tratamento utilizado, na maioria dos casos, é água salinizada, o que mostra a preocupação das escolas/academias em optar por um tratamento menos agressivo que o cloro, que ainda é muito usado.

Trocadores para os bebês são essenciais e foram encontrados na maior parte das academias, porém muitos destes se localizam fora da área da piscina, o que não é o mais adequado, pela brusca troca de temperatura no percurso entre a piscina e os vestiários.

Com relação aos materiais utilizados, observou-se que as academias, em sua maioria, não exploram a diversidade de materiais, se restringem à utilização de implementos comumente usados nas piscinas. Os materiais são instrumentos que oportunizam, junto à água, movimentos diversos e posições distintas aos bebês.

Tratando-se de bebês, um público que necessita de cuidados especiais, a estrutura é fundamental para a realização de um trabalho de qualidade.

Contudo, concluiu-se que as escolas/academias não seguem um padrão, em relação às estruturas ideais para os bebês e na literatura existe divergência de opiniões entre os autores. Porém, dentro da realidade de cada escola/academia vêm sendo realizados alguns trabalhos com uma estrutura, de uma forma geral, adequada. Por isso, percebe-se a necessidade de novos estudos que auxiliem na padronização de uma estrutura mínima adequada, que se aproxime de um ideal.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S.; VALENTINI, N. C. A influência de um programa de intervenção motora no desenvolvimento de bebês no terceiro trimestre de vida em creches para população de baixa renda. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 14, n. 83, 2005.

AMARAL, C. C. **Natação para Bebês: Iniciação Desportiva?** Curitiba-PR, 1980

AZEVEDO, H. A. Atividades Aquáticas para Bebês. In: curso ministrado no II Seminário Internacional de Ciência do Esporte e da Atividade Física. Canoas: ULBRA, 2007.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BÉZIERS, M. M. **O bebê e a coordenação motora: os gestos apropriados para lidar com a criança**. São Paulo: Summus, 1994.

BRESGES, L. **Natação para o meu neném**. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1980.

CORRÊA, M. B. B. Natação – aprendizado. In: curso ministrado no Grêmio Náutico União. Porto Alegre, 2009.

DAMASCENO, L. G. Natação psicomotricidade e desenvolvimento. Brasília (DF): Secretaria dos Desportos da Presidência da Republica, 1992

DAMASCENO, L. G. **Natação para bebês: dos conceitos fundamentais à prática sistematizada**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

DEPELSENEER, Y. **Os bebês nadadores e a preparação pré-natal aquática**. São Paulo: Manole, 1989.

ENNING, C. **O Parto na Água: Um guia para pais e parteiros**. São Paulo: Manole, 2000.

FERNANDES, J.R.P.; LOBO DA COSTA, P.H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física Esportiva**, São Paulo, v.20, n.1, p.5-14, jan./mar. 2006 .

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. São Paulo: Maritns Fontes, 1983.

FONTANELLI, J. A.; FONATNELLI, M. A. **Natação para bebês**: entre o prazer e a técnica. São Paulo: Ground, 1985.

FONTANELLI, J. A. Amamentação subaquática. Disponível em <<http://www.fontanelliswimclub.com.br/images/smsmenta.pdf>>. Acesso em: 19.11.2011.

GRAU, G. B. **Los Bebés em el Água**: uma experiência fascinante. Barcelona: Paidotribo, 2007.

HERNÁNDEZ, A.J. El bebé y la agua.

Disponível em: www.i-natacion.com/articulos/matronatacion/bebes.html
Acesso em: 13/07/2008

LEBOYER, F. **Shatala**: Uma arte tradicional, massagem para bebês. 8ª edição. São Paulo: Ground, 2009

LIMA, E. L. **A prática da natação para bebês**. Jundiaí: Fontoura, 2003.

LUZ, E. R. Uma proposta metodológica para bebês e pré-escolares para a conquista das habilidades aquáticas através da exploração de materiais. Disponível em <[http://www.waterbabies.org/subweb/article%20Egle%20Luz%20\(portuguese\).htm](http://www.waterbabies.org/subweb/article%20Egle%20Luz%20(portuguese).htm)>. Acesso em: 28.04.2010.

MADORMO, S. R. Natação e bebês – um capítulo especial. In: VELASCO, C. G. **Natação segundo a Psicomotricidade**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MADORMO, S. R. Estimulação Psicomotra Aquática. In: curso ministrado no I **Congresso Brasileiro de Natação Infantil**. São Paulo, 2008.

MARIETTA, V. Pratique Natação, Fique de olho na qualidade da água. Disponível em: vilamulher.terra.com.br/pratica-natacao-fique-de-olho-na-qualidade-da-agua-11-1-68-73.html Acesso em: 28/08/2011

MORENO, J. A.; ABELLÁN, J.; LÓPEZ, B. El descubrimiento del médio acuático de 0 a 6 años. In: **Congreso Internacional de Atividades Aquáticas**. Murcia, 2003.

MORENO, J. A.; PAULA, L. D. Estimulación acuática para bebés. **Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales**, nov. 2005a.

MORENO, J. A.; PAULA, L. D. Actividades Acuáticas para el primer año de vida del bebé. In: **II Congreso Internacional de Atividades Aquáticas**. Murcia: Instituto U. P. de Ciências Del Deporte, 2005b.

MOULIN, J. P. Bebés-nagerus: effets des séances de piscine sur le développement du jeune enfant. **Journal de pédiatrie e puériculture**, v. 20, p. 25-28, 2007.

NAKAMURA, O. F.; SILVEIRA, R. S. **Natação para bebês**. São Paulo: Ícone, 1998.

NASCIMENTO, R. **A Natação** – nosso esporte arte. Belo Horizonte: Centro Gráfico e Editora Ltda, 1984.

NEGRINE, A. Instrumentos de coletas de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs). **Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 2ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, p.61-93, 2004.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAYNE, V. G.; ISAACS, L. D. **Desenvolvimento Motor Humano: uma abordagem vitalícia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PEREIRA, K. R. G.; VALENTINI, N. C.; SACCANI, R.; DÁZEVEDO, H. A. Influência de atividades aquáticas no desenvolvimento motor de bebês. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 22, n.2, p.159-168, 2011.

PEREIRA, K. R. G.; SACCANI, R.; VALENTINI, N. C. Desenvolvimento motor de bebês que praticam natação. In: **Salão de Iniciação Científica da PUCRS**, 2009. Porto Alegre: PUCRS, 2009a.

PEREIRA, K. R. G.; SACCANI, R.; VALENTINI, N. C. Desenvolvimento motor de bebês que participam de um programa de atividades aquáticas. In: **Feira de Iniciação Científica da FEEVALE**, 2009. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2009b.

POLI, P. **Natação para bebês, infantil e iniciação**: uma estimulação para a vida. São Paulo: Phorte, 2011.

SALLES, P. G.; MATARUNA, L. - Natação para bebês. Retrato da realidade em Nova Iguaçu – RJ. **Revista digital** – Buenos Aires – ano 11 – nº96 – maio de 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd96/bebes.htm> Acesso em: 29/01/2007

SANZ, M.; SANZ, M. **Tu Hijo y el Agua**: Natación Precoz para bebés e niños. 1ª edição. Buenos Aires: Ediciones B, 2006.

VENANCIO, S. I.; ESCUDER, M. M. L.; KYTOKO, P.; REA, M. F.; MONTEIRO, C. A. Frequência e determinantes do aleitamento materno em municípios do estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v.36, n.3, p.313-318, 2002.

ZULIETTI, L. F.; SOUSA, I. L. R. A. Aprendizagem da natação do nascimento aos 6 anos – fases do desenvolvimento. **Revista Univap**, v. 9, n. 17, p. 12-17, 2002.

7. APÊNDICES:

APÊNDICE 1

- Questionário aos professores:

1. Qual a idade mínima para o ingresso no programa de atividades aquáticas para bebês?
2. Qual a idade máxima considerada como bebês no programa de atividades aquáticas?
3. As aulas acontecem quantas vezes por semana?
 uma vez por semana
 duas vezes por semana
 três vezes por semana
4. Qual é a duração das aulas para bebês?
5. Existe alguma subdivisão por faixa-etária ou nível? Qual?
6. Qual é a temperatura da água para as aulas de bebês?
7. Qual é a forma de tratamento da água?
8. A academia possui piscina exclusiva para o trabalho com bebês?
9. Quais são as dimensões da piscina para bebês?
Comprimento (m); ____

Largura (m); _____

Profundidade (m). ____

10. O trabalho com os bebês é realizado em uma piscina coberta ou descoberta?

11. Tem algum espaço na piscina em que o bebê consiga ficar em pé de forma independente?

12. A piscina possui barra de sustentação?

13. A academia disponibiliza um espaço específico para vestir o bebê (trocador)?
Onde?

14. É obrigatório o uso de fraldas durante as aulas?

15. É permitido amamentar o bebê durante a aula (na água)?

16. Quais os materiais utilizados nas aulas?

- () espaguete
- () alteres
- () tapetes flutuadores
- () brinquedos de borracha
- () objetos que afundam
- () redutores de profundidade
- () Outros. Quais?

17. Qual o número máximo de alunos por turma?

18. Por quem os bebês são acompanhados na água durante as aulas?

- () pelas mães;
- () pelo pai;
- () pelo professor somente;

() outros (babás, avós, etc.).

19. É necessária a apresentação de atestado médico para ingressar no programa?

20. Qual a participação do programa de atividades aquáticas para bebês no faturamento da academia (percentual médio)?

21. Qual o valor das mensalidades?

Para uma vez por semana R\$ _____

Para duas vezes por semana R\$ _____

Para três vezes por semana R\$ _____

22. Há quanto tempo são oferecidas aulas para bebês neste local?

23. Observa-se um caráter sazonal na freqüência dos alunos nas aulas de atividades aquáticas para bebês ao longo do ano?

24. Qual a nomenclatura utilizada pela escola/academia para o programa de bebês?

() Natação para bebês

() Natação para lactentes

() Estimulação psicomotora aquática

() Atividade aquática para bebês

() Outro. Qual? _____

APÊNDICE 2

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

Roberta Behr de Moraes, aluna da Graduação do curso de Educação Física da Escola da Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da Profª Martha Ratenieks Roessler, no seu trabalho de conclusão de curso (TCC), solicita a participação da presente instituição na pesquisa intitulada ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA BEBÊS: Análise da Estrutura dos Programas e das Escolas/Academias de Natação, a ser realizada no ano de 2011.

A participação se dará através de um questionário respondido pelos professores de natação para bebês, sobre os aspectos estruturais da instituição e da das aulas.

Os resultados da pesquisa podem ser publicados, mas o nome da instituição, assim como dos professores, não serem revelados. Será de responsabilidade da pesquisadora a publicação e o sigilo dos dados.

A instituição não será remunerada pela participação na pesquisa, podendo, a qualquer momento, retirar o consentimento por qualquer motivo e sem nenhum prejuízo para a instituição ou para os demais participantes da pesquisa.

A pesquisadora está ciente que as atividades irão influenciar na rotina diária de alguns professores durante o dia da entrevista, portanto se colocam à disposição para qualquer esclarecimento

Sob essas condições, eu (preencher o próximo espaço com o seu nome completo), _____, abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa na instituição (preencher com o nome da instituição) _____, pela qual sou responsável.

_____, _____ de _____ de 2011.

Roberta Behr de Moraes

Martha Ratenieks Roessler

Responsável pela instituição _____